

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOB O PRISMA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Cibelle Honorato Melo de Oliveira; Odaléa Feitosa Vidal;

Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte; cibelle_honorato@hotmail.com; odalea.vidal@upe.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo verificar como ocorre a avaliação da aprendizagem na educação infantil. Sendo esta a questão de partida: De que forma ocorre avaliação da aprendizagem na educação infantil? Considerando que a avaliação na Educação Infantil aponta diferenças dentro do contexto escolar, pois algumas instituições apontam a importância de aplicar-se a mesma forma de ensinar e aprender por meio tradicional, enquanto que outras afirmam que o meio desconstruído e flexível é mais viável. Quando tratamos de criança sabemos que não se trata de algo linear e constante, isto é, dentro desse cenário precisamos conhecer o universo da infância para saber como lidar com fluidez. A partir disso buscamos estudar os principais aspectos, tais como, Para quê avaliar? O quê avaliar? Como avaliar? E quando avaliar na educação infantil? Sob a perspectiva de desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil. Sendo assim, direcionamos nossos estudos e pesquisa, procurando resultados que dialoguem com essa realidade que inicialmente está sob as concepções da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, do tipo estudo de caso, tendo como resultados a relevância de outros olhares para a educação infantil sob o prisma da aprendizagem que corroboram nessa primeira etapa da pesquisa com os resultados obtidos através da aplicação de questionários com 10 estudantes do curso de Pedagogia que já atuam como professoras da educação infantil.

Palavras-chave: Avaliação, Educação Infantil, Aprendizagem.

Introdução

A temática avaliação na educação infantil na contemporaneidade, ainda tende a ser um assunto polêmico no contexto educacional, sendo ponto de pauta de discussão recorrente entre professores, gestores e pais. Apesar das mudanças significativas e dos diferentes olhares sobre a avaliação, continuamos a nos questionar sobre o que é avaliação? Como avaliar? E quais instrumentos avaliativos utilizar? E tratando-se de criança, principalmente no viés da avaliação da aprendizagem, de certa forma é preciso ter um olhar diferenciado, tendo em vista a formação do indivíduo e os agravos que podem ser causados em sua formação. Isto é, principalmente quando a proposta avaliativa no contexto da educação infantil torna-se promocional, comparativa ou até mesmo excludente.

É importante ressaltar que a avaliação na educação infantil consegue alcançar duas extremidades, sendo ambas abrangentes e específicas; abrangente no sentido amplo que nos permite observar detalhes durante a socialização e vivências em grupo, dificuldade ao ouvir as orientações dos professores, em acompanhar o grupo e reflexos. Já como específica em casos peculiares, tais como: a motricidade, em expressar-se, adaptação às rotinas.

Diante do exposto, o presente trabalho dá um enfoque especificamente sobre a “Avaliação na Educação Infantil”, buscando conhecer sua importância para o

desenvolvimento da aprendizagem de crianças de 3 a 5 anos de idade. Constam também neste estudo as concepções de avaliação na educação infantil, buscando entender como ocorre o processo de avaliação da aprendizagem, a partir dos seguintes questionamentos: o que é avaliação? Para quê avaliar? O quê avaliar? Como avaliar? E quando avaliar na educação infantil? Discorreremos o estudo tendo como ponto de partida os instrumentos de avaliação utilizados para registrar as observações do desenvolvimento e aprendizado da criança do pré-escolar de 3 a 5 anos de idade. E como questão de partida de que forma ocorre avaliação da aprendizagem na educação infantil?

Deste modo temos como objetivo geral verificar como ocorre a avaliação da aprendizagem na educação infantil. Já como específicos a proposta é analisar os processos de avaliação na educação infantil, identificar as dificuldades apresentadas no processo de avaliação na educação infantil e propor aspectos qualitativos na perspectiva da avaliação na educação infantil.

Nesse contexto de discussão sobre a avaliação nos posicionamos sobre a relevância do planejamento pedagógico, não apenas no aspecto de encontros pedagógicos, mas muito além da participação, deve-se compreender a avaliação como elemento que perpassa todo o planejamento pedagógico, sendo algo imprescindível e refletido desde o início da proposta pedagógica.

Metodologia

Em termos metodológicos se trata de uma pesquisa descritiva, exploratória e documental, com procedimentos do tipo levantamento de dados, tendo como *corpus* de análise os portfólios utilizados nas escolas, artigos disponíveis na internet e vivências da rotina escolar, tendo em vista a proposta de entrevista com os (as) professores (as) mediante a disponibilidade acerca da concepção da avaliação e se os instrumentos utilizados para avaliar fornecem subsídios capazes de informar o desenvolvimento da criança neste nível da educação.

Desta forma temos como sugestão criar um roteiro de entrevista onde os/as professores/as possam apontar o lado positivo e negativo da ausência da avaliação tradicional, como a proposta surgiu para eles/as e sua reação, se esse método é mais atrativo, como os pais veem esse tipo de avaliação, enfim, aspectos cruciais e direcionam o olhar da prática docente em relação ensino-aprendizagem, tais entrevistas referem-se a segunda etapa da pesquisa quando serão aplicados in lócus juntamente com a análise dos portfólios de avaliação.

Contudo é uma proposta que divide opiniões a partir dos métodos vivenciados em anos anteriores, no entanto seguimos com a pesquisa objetivando resultados que diferenciem o lado quantitativo do lado qualitativo. Isto é, trazer informações que podem ser apresentadas e colaborem nos parâmetros educativos. Em seguida realizar a análise e sistematização do conteúdo gerando o presente trabalho com resultados concluídos.

Resultados e Discussão

Ao tratarmos de educação imediatamente remetemos o olhar ao ensino, aprendizagem e avaliação. Tendo em vista essa tríplice do conhecimento, podemos justificar que é assim que funciona, ou seja, na essência o docente trabalha os conhecimentos em sala (viés do ensino), a aprendizagem é o momento dos estudantes durante o processo de assimilação do conhecimento e a avaliação é a resposta do procedimento sugerido. Logo a avaliação tornou-se foco conforme citado, pois pode ocorrer de diversas formas e não necessariamente pela via tradicional prova. Principalmente quando se trata dos anos iniciais no qual uma das suas propostas é trabalhar a socialização com o grupo. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa por considerar a subjetividade das investigações, tendo como subsídios teóricos os estudos de Moreira (2002), Lüdke e André (1986) e Triviños (1987), do tipo estudo de caso.

Para alguns pais e até mesmo professores mais tradicionais acreditam que o processo avaliativo deve ser determinado através das provas, no entanto nos anos iniciais essa prática não é de fato a mais coerente. Ou seja, receber “provas da unidade” das crianças não deveria ser algo satisfatório tendo em vista que ali não representa à aprendizagem de tal conteúdo e sim a vivência, atividades que as próprias crianças são capazes de desenvolver, a interação social do grupo, os diálogos construídos, o próprio comportamento e a autonomia.

Segundo Plaza e Santos (2015), afirmam que:

O processo avaliativo deve levar em consideração o contexto do aluno, proporcionar ao professor mudanças, alterações em seu decorrer, ou seja, caso o professor detecte algo diferente, o mesmo possa ter autonomia suficiente para modificar seu plano pedagógico, abrir mão de um instrumento ou técnica avaliativa por outro que julgar pertinente a situação atual. (PLAZA e SANTOS, 2015).

Diante da formação do indivíduo na perspectiva escolar e desses processos avaliativos podemos perceber a necessidade também de se autoavaliar nos aspectos da didática, da observação, e se a metodologia está adequada e principalmente se nossa postura perante aos acertos ou falhas.

Plaza e Santos (2015) enfatizam que “Consideramos que a avaliação só terá sentido e significado se ela for utilizada como instrumento de auxílio para o professor, para a escola, pensando sempre no desenvolvimento de cada criança e jovem”.

A partir das leituras percebemos que as principais dificuldades apresentadas na hora da avaliação são: o perfil escolar (quando a escola é tradicional, construtivista, e etc.), saber o real significado da avaliação proposta, observar e avaliar em grupo e também individual.

Como sabemos existem instrumentos que nos auxiliam durante o procedimento avaliativo, segundo Carneiro (2010) garante que:

[...] Os principais instrumentos apontados são a observação e o registro, através dos quais os educadores podem fazer uma abordagem contextualizada dos processos de aprendizagem das crianças, da qualidade das interações e acompanhar os processos de desenvolvimento a partir das experiências das crianças. Essa abordagem dialógica e reflexiva fornece ao professor e à equipe pedagógica uma visão integral das crianças e também as particularidades. As formas de registros da observação podem ser: escritas (relatórios, cadernos de registro do aluno, fichas); gravadas: em áudio e vídeo; através das produções das crianças (desenhos, esculturas), ou ainda com fotografias. (CARNEIRO, 2010. p. 25)

O funcionamento dos processos avaliativos já foi citado ao longo do texto, no entanto podemos sugerir que os profissionais sejam mais participativos, indicando novos meios de avaliação por meio da ludicidade, esportes, atividades práticas e até mesmo em meios mais informais como no intervalo ou diálogos.

Segundo Lopes et al. (2017) apontam que:

Nos últimos anos é possível perceber uma ampliação de discussões acerca da intencionalidade e significado da avaliação na Educação Infantil. Portanto se faz necessário buscar compreender e refletir a respeito desta temática e sua importância na aprendizagem e no desenvolvimento da criança. Esta que no planejamento, se encontra em uma posição conclusiva, relacionando-se diretamente com os objetivos propostos, pois é por meio dela que ocorre a verificação do alcance dos objetivos (LOPES et al. 2017, p.8-9).

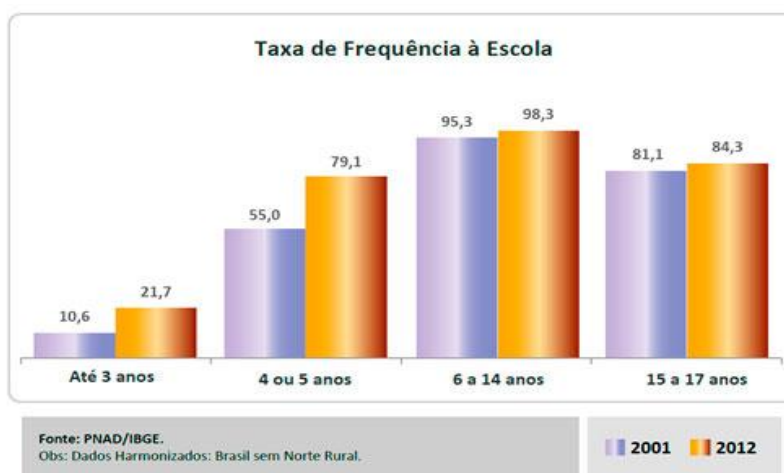
Aos poucos foram direcionando os tipos de avaliação, tanto na escola quanto no âmbito do governo, tendo em vista os devidos dados e sentidos representativos que utilizam para divulgar resultados para as famílias, para a sociedade de modo geral e o próprio governo (modo documental).

Desde 2007, conta-se, com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, criado para monitorar o desempenho de redes e escolas pela análise combinada da proficiência dos alunos na Prova Brasil e taxas de aprovação de cada escola.

Neste cenário de avaliação de larga escala Bhering e Abuchaim (2013) apontam que, em 2009, a Fundação Carlos Chagas, em parceria com o MEC e o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID –, desenvolveu pesquisa intitulada *Educação Infantil no Brasil: avaliação qualitativa e quantitativa*. Essa pesquisa, utilizando métodos qualitativos e quantitativos, suscitou novas discussões sobre o estudo da qualidade da Educação Infantil e a sua avaliação, além de revelar um cenário da Educação Infantil nas capitais envolvidas. O impacto desse estudo tem sido grande, pois, além de revelar o nível de qualidade das instituições de Educação Infantil e seu impacto nos resultados da Prova Brasil, desencadeou também a discussão sobre a possível avaliação nacional das unidades de Educação Infantil.

Tomando como base as iniciativas, podemos observar que essas ações buscam mostrar tanto quantitativo quanto qualitativo, no entanto quando os índices estão prontos geralmente não são utilizados para melhorias das lacunas encontradas e sim geram apenas resultados de satisfação temporária, ou seja, trazem o que gostaríamos de ouvir, porém não da forma que precisamos.

Conforme o portal do MEC em maio de 2014, o secretário nacional de avaliação e gestão da informação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Paulo Jannuzzi (2014), afirmou que a publicação “apresenta um conjunto mais amplo de indicadores que de forma sensível e expressiva dão conta de refletir todo o esforço e investimento do governo brasileiro em sofisticadas políticas públicas de inclusão social, aliadas ao crescimento econômico”.



Conforme a imagem exibida, tivemos alguns “avanços” enquanto frequência (indiretamente implica na perspectiva do ensino-aprendizagem), no entanto os índices aparecem nos resultados, mas não são utilizados para buscar melhorias. Neste relatório aponta que os brasileiros têm estudado e aprendido mais e a qualidade expandiu em todas as faixas etárias, dando destaque a faixa etária de 4 e 5 anos de idade, de 55% em 2001 para 79,1% em 2012. Ou seja, temos dados “satisfatórios” na aparência que a população deseja, no entanto não vemos como ocorrem tais incentivos, como utilizam os índices – já que esses resultados são apenas divulgados para valer-se diante a sociedade visto que os números são o que importa.

Também foi criado para melhor observar o alcance de distribuição da pesquisa a Consulta Aberta para as instituições que receberam os indicadores que foram enviados. Assim, na proposta dos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2010, p. 43), os estabelecimentos educacionais são o interlocutor prioritário do material e sua comunidade é o público para o qual a proposta se destina. Segundo o Mapa de Distribuição do MEC (2010, p.43), o material foi enviado para 93.233 estabelecimentos educacionais urbanos e rurais. Foram 7.273 respostas à Consulta Aberta, que correspondem a 7,8% dos envios.

Diante de índices resultados de avaliação e de análise de dados, faz-se necessário nesse sentido, redimensionar a prática de avaliação no contexto escolar. Então, não só a criança, mas o professor e todos os envolvidos na prática pedagógica podem, através dela, refletir sobre sua própria evolução na busca pelo conhecimento.

Avaliar crianças na escola, principalmente nos anos iniciais, parece menos importante a muitas pessoas, porém Bhering e Abuchaim (2013), dizem que:

Tanto as pesquisas nacionais como as internacionais mostram que a Educação Infantil traz benefícios para as crianças e suas famílias, para além da importância da educação em si, contribuindo sobremaneira para a inserção social dos envolvidos. Os estudos demonstram ainda que a Educação Infantil de qualidade parece ter efeitos mais profundos do que a simples frequência à mesma. Dessa maneira, parece importante continuar e aprofundar o estudo sobre as práticas das unidades de Educação Infantil e as ações do poder público em relação à implantação das políticas, atingindo mais extensivamente a cobertura nacional. (BHERING; ABUCHAIM; 2013, p.7).

A avaliação tem um significado mais complexo, à medida que oportuniza ao professor durante o processo educativo momentos de reflexão sobre a própria prática. E através da

reflexão, direcionar o trabalho, privilegiando o estudante como um todo, como um ser social com suas necessidades próprias e também possuidor de experiências que devem ser valorizadas na escola.

Corroborando com o que Plaza e Santos (2015) afirmaram que:

Assim como a avaliação na educação infantil é muito importante para o professor, para a unidade escolar também não poderia ser diferente. A avaliação que o professor realiza em suas salas de aulas com seus respectivos alunos pode e deve ser utilizada pelas escolas para que essas (re) sua proposta pedagógica ou até mesmo para terem um norte para realizarem sua avaliação institucional (PLAZA e SANTOS, 2015).

De forma ampla podemos dizer que a avaliação tem sua importância e principalmente no âmbito escolar, já que nesse aspecto abrange os professores, os pais, os estudantes e também a escola. Sendo assim, não podemos definir um modelo correto a seguir, mas temos o dever de sempre buscar meios flexíveis e variados, porém não menos importante. Todavia como já foi dito a realidade de avaliação não deveria ser imposta e sim trabalhada de acordo com a resposta da turma. Como aponta Carneiro (2010):

A avaliação através da observação das brincadeiras oferece aos educadores uma rica fonte de informações acerca do desenvolvimento infantil, pois quando brincam as crianças manifestam ações relativas à resolução de conflitos; experimentam papéis e desenvolvem um conjunto de habilidades: pensamento crítico, conteúdo significativo, formação cultural, conectar ideias, fazer escolhas, conviver com pessoas diferentes, ter visão globalizada, enfim, é uma forma de desenvolver as bases de sua personalidade (CARNEIRO, 2010. p. 26).

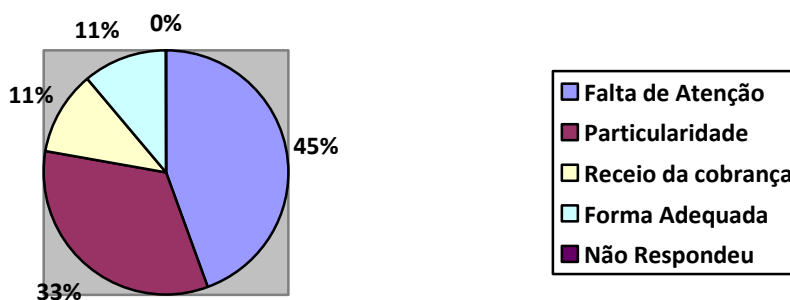
Portanto, podemos obter bons resultados através da observação, seja nos aspectos físicos ou na forma de brincar e pintar, social, durante a interação e respeito às regras, aspectos emocionais na acolhida ou quando contrariado, cognitivo, entre outros. Logo a convivência nos permitirá alcançar resultados avaliativos e não excludentes, flexibilizando o olhar da avaliação. E pouco a pouco iremos construindo conhecimento estimulando com propostas diferenciadas e valorizando cada ação da criança.

Dentro das perspectivas estudadas no presente trabalho optamos por aplicar um questionário simples, contendo quatro questões onde buscamos saber o entendimento do professor sobre avaliação, citar algum processo que acredite ser eficaz, qual a maior dificuldade durante uma avaliação e se acredita na flexibilidade da avaliação. Sendo assim, aplicamos o questionário com 10 estudantes do curso de Pedagogia na Universidade de

Pernambuco – Campus Mata norte do 6º período, é importante ressaltar que estas estudantes já atuam como professoras da educação infantil.

Assim tivemos cinco pessoas afirmando ser um método que define e/ou mede o conhecimento dos alunos, uma pessoa colocou que são todas as possibilidades de observar a criança e os demais que é a forma que o professor utiliza para saber se a criança aprendeu ou não. Um ponto que chamou atenção na segunda pergunta foi que duas entrevistadas afirmaram apenas a oralidade e uma afirmou que não se “recorda” de existir avaliação na educação infantil. Já na terceira pergunta apenas uma não respondeu e quatro chegaram ao comum acordo que a maior dificuldade durante a avaliação é a concentração das crianças. Na quinta e última todos foram unânimes em acreditar na flexibilidade da educação.

No gráfico abaixo podemos observar a maior dificuldade durante a avaliação, através da opinião dos que responderam o questionário:



Diante dessas respostas podemos perceber que a primeira questão e a última se divergem, pois quando afirmam que avaliação é algo que define e/ou mede o conhecimento, não se completa no aspecto da flexibilidade que todos concordam. Outro aspecto é que quase a metade das pessoas que responderam (45%) acredita que a maior dificuldade durante a avaliação é a falta de atenção que os alunos demonstram. Principalmente quando o questionário aplicado possui apenas quatro perguntas e dentre elas três são abertas, deixa-os mais livres pra responder e ao mesmo tempo tímidos.

Por fim, podemos observar que os parâmetros da avaliação na/da aprendizagem ainda são abrangentes quando se trata de pontos de vista, já que as escolas trabalham de formas diferentes, seja no método tradicional ou construtivista, por exemplo, a avaliação acontece e que ainda estamos despreparados no que diz respeito ao resultado, pois podemos trazer que

avaliação vai além das perspectivas óbvias de buscar resultados, e sim avaliar a criança de modo geral tais como psicológico, motor, social, oral, dentre outros.

Conclusões

Diante dos resultados apresentados na pesquisa podemos concluir que a flexibilidade da avaliação, principalmente na educação infantil, ainda passa por processos de desconstrução, isto é, esse processo escolar teve início em um formato bastante tradicional e até as crianças dos anos iniciais fazem provas como meio avaliativo, atribuindo um vocabulário engessado tais como método ou algo que define (conforme vimos na análise dos questionários). Outro ponto citado é a dificuldade na avaliação, já que o meio construtivista vem ganhando espaço, algumas escolas incluindo estudantes de graduação e professores titulares ainda tem dúvidas no processo. Ou seja, a dificuldade em avaliar na educação infantil é não ter meios direcionados como no viés tradicional, causando dúvidas em quem avalia.

Referências

BHERING, Eliana; ABUCHAIM, Beatriz. **Avaliação da Qualidade da Educação Infantil**. Cad. Pesquisa. vol.43 no. 148. São Paulo Jan./Apr. 2013.

BRASIL. Monitoramento do uso dos indicadores da qualidade na educação infantil. **Portal do MEC**. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13119-relatorio-versao-internet-final-pdf-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192 > p. 18. Acesso em 11 maio 2018.

BRASIL. Estudo revela que Brasil eleva escolaridade e qualidade do ensino na educação básica. **Portal MEC**. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/20468-estudo-revela-que-brasil-eleva-escolaridade-e-qualidade-do-ensino-na-educacao-basica> > Acesso em 28 de junho de 2018.

BRASIL. Estudo revela que Brasil eleva escolaridade e qualidade do ensino na educação básica. **Portal do MEC**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32640> Acesso em 17 maio 2018.

CARNEIRO, Maria da Penha Aparecida Klug Basílio. Processo avaliativo na Educação Infantil. Escola Superior Aberta do Brasil - ESAB. Vila Velha – ES, 2010.

Convenção sobre os direitos das crianças (1989) – Disponível em < https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm > Acesso em de 30 maio 2018.

LOPES et al. **O planejamento e a Avaliação na Educação Infantil: Foco em um CMEI de Londrina – PR. Formação de professores: Contextos, Sentidos e Práticas.** EDUCERCE XIII 2017.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PLAZA, Fernanda Rodrigues; SANTOS, Uillians Eduardo. **Avaliação da Aprendizagem na Educação Infantil: Recurso para Prática Pedagógica.** Eixo temático: Práticas Pedagógicas. UNESP/ Marília e UNESP/ Presidente Prudente, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.